

Amanhã, o primeiro dia das reuniões

Washington (do correspondente) — Depois de superar a tempestade provocada nos mercados financeiros internacionais pela suspensão do pagamento dos juros da dívida brasileira aos bancos comerciais, membros da equipe econômica americana preparam-se para uma difícil série de encontros com o ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Funaro é esperado em Washington amanhã cedo, com o presidente do Banco Central, Francisco Gros, e com o embaixador Álvaro Alencar. Funaro se encontra amanhã com o presidente do **Federal Reserve**, Paul Volcher, e à tarde com o Secretário do Tesouro, James Baker.

Até o final da noite, ontem, a comissão de bancos credores do Brasil não sabia se o ministro vai expor pessoalmente as reivindicações do governo Sarney ou se deixará essa tarefa para o presidente do Banco Central.

Os sinais do pânico que varreu os mercados no início da semana se dissiparam quase totalmente ontem. A bolsa de New Iorque, por exemplo, fechou com alta e as ações de alguns dos principais credores brasileiros, como o Morgan, Chase Manhattan, Banker's Trust e Manufacturer's Hanover registraram baixas mínimas. Apesar

disso, o segundo maior banco dos Estados Unidos — Bank of America — anunciou que não poderá anunciar nenhum lucro no primeiro trimestre do ano por causa da suspensão dos pagamentos de juros por parte do Brasil. Em outros países, o susto causado pelo gesto brasileiro parece ter também amainado.

Nem toda a preocupação com a dívida dos países latino-americanos desapareceu, contudo. As ligações telefônicas entre Washington e várias capitais do Continente foram frequentes no decorrer do dia, com funcionários tanto do Tesouro quanto do Banco Central americano tentando dissuadir outros governos sul-americanos de tomar qualquer medida de apoio público ao Brasil. A formação de um cartel de devedores ainda é vista como uma possibilidade por alguns analistas tanto americanos quanto europeus e japoneses.

Essas preocupações diminuíram, contudo, graças aos sinais claros dados pelo presidente do Banco Central mexicano, Manuel Mancera Aguayo, de que seu governo considera que não interessa ao país imitar o gesto brasileiro. Além disso, segundo fontes bancárias o ministro argentino Mario

Broderhson teria indicado numa reunião em Nova Iorque a disposição de seu país continuar cumprindo seus compromissos, desde que continue contando com novos recursos dos bancos.

Se tentam convencer os bancos credores dos países latino-americanos a acelerar as negociações de reescalonamento da dívida e a fornecer recursos novos para os que deles necessitam, tanto o Tesouro quanto o Banco Central dos Estados Unidos têm insistido na necessidade de que os devedores façam sua parte. Esse é o recado que Funaro e Gros deverão ouvir de seus interlocutores americanos em Washington, na sexta-feira.

Segundo Lawrence Brimmer, economista-chefe do Banker's Trust, um dos maiores credores do Brasil, o governo americano e os bancos continuam preocupados com a falta de disposição do governo brasileiro de tomar as medidas necessárias para restabelecer a saúde financeira do país.

O governo Sarney está invertendo as prioridades, atendendo os desejos de consumo a curto prazo e, com isso, diminuindo o potencial de crescimento a longo prazo do país — afirmou.